

## ELABORAÇÃO DE ESTRATÉGIA DE ENSINO COM O TEMA BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NO CONTEXTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Thiago Alves de Sousa <sup>1</sup>

Bruno Gonzaga Teodoro <sup>2</sup>

Marina Ferreira de Souza Antunes <sup>3</sup>

### RESUMO

Ao longo do processo de formação docente se faz necessário a inserção do(a) discente na realidade escolar para possibilitar o reconhecimento dos desdobramentos cotidianos presentes nesse contexto. É importante que concomitantemente ao processo de construção teórica, se faça possível a realização de um movimento prático, de forma que o(a) discente realize um movimento dialético de formação, resultando na práxis docente. O Estágio Supervisionado cumpre essa função e organiza-se de diferentes formas conforme as necessidades do contexto de cada licenciatura. Esse texto aborda as vivências realizadas no Estágio Supervisionado II – Ensino Fundamental e apresenta o processo de construção de uma estratégia de ensino com o tema Brincadeiras Tradicionais, tema esse que é elemento de centralidade na cultura corporal de movimento e nos permite investigar tanto a realidade escolar quanto o processo de formação docente. A estratégia de ensino foi realizada com duas turmas de primeiro ano do ensino fundamental e tinha como objetivo possibilitar aos/as estudantes uma reflexão crítica das brincadeiras presentes na infância. Concluiu-se que o planejamento do percurso formativo resultou de forma significativa no desenvolvimento de conhecimentos de caráter social e comunicativo e apesar de ser possível perceber certa dificuldade em construir um percurso capaz de desenvolver os contextos atuais e antigos das brincadeiras devido a quantidade de tempo de trabalho disponível, a estratégia de ensino se mostrou eficiente em abordar os conhecimentos propostos em apenas 6 aulas, sendo essa uma demanda da realidade escolar devido a uma mudança contínua nos eixos de ensino e as condições organizacionais da disciplina de Estágio II. Por fim, notou-se que a organização do processo a partir das demandas da realidade escolar corroboraram para a formação docente na medida em que solicitou uma adaptação das fundamentações teóricas à realidade objetiva daquele contexto.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar, Formação Docente, CAP/UFU

### INTRODUÇÃO

Este texto foi escrito a partir das vivências na disciplina de Estágio II do curso de Graduação em Educação Física - Licenciatura, nas aulas da disciplina e nos momentos em que estava presente no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Educação Física - Licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, [thiago.sousa1@ufu.br](mailto:thiago.sousa1@ufu.br);

<sup>2</sup> Professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, [bgt@ufu.br](mailto:bgt@ufu.br);

<sup>3</sup> Docente do curso de Educação Física – Licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, [marina.antunes@ufu.br](mailto:marina.antunes@ufu.br)



(CAP/UFU). Segundo Pimenta (1995) “A essência da atividade (prática) do professor é o ensino-aprendizagem sendo esse o conhecimento técnico prático de como garantir que a aprendizagem se realize em consequência da atividade de ensinar.” (p. 04). A partir desta compreensão, o estágio supervisionado como elemento presente nas graduações em licenciatura, permite que os(as) discentes se aproximem da realidade escolar e se apropriem dos conhecimentos de forma teórico-prática, contribuindo para a sua formação inicial e para a formação continuada dos(as) supervisores(as). O Estágio Supervisionado II do curso visa inserir os(as) discentes no Ensino Fundamental, etapa da escolarização que abrange estudantes de 6 a 14 anos de idade. Como apresentado na ementa da disciplina

Trata da inserção real em situação de trabalho escolar buscando articulação com o estudo acadêmico e promovendo uma reflexão teórico-prática sobre a docência e as práticas escolares. Problematização, investigação e intervenção no cotidiano escolar da Educação Física no Ensino Fundamental. (UFU, 2018)

Este texto tem por objetivo apresentar uma Estratégia de Ensino com o tema Brincadeiras Tradicionais. Amaral e Antunes (2011) conceituam estratégia de ensino como

Planejamento de uma sequência de aulas destinadas ao desenvolvimento de um tema de ensino, visando a apropriação, pelos alunos, de conhecimento de natureza instrumental, social e comunicativa. Por meio da Estratégia de Ensino devem ser explicitados os princípios pedagógicos (na medida em que se decide como ensinar) e as relações dialética e democrática com o conhecimento. (p. 07)

Utiliza-se aqui tal modelo pela compreensão que a ferramenta possibilita uma construção organizada do processo de ensino-aprendizagem, pensando não só em aulas isoladas, mas sim em todo o percurso metodológico. O modelo, como será apresentado no item “Desenvolvimento”, conta com espaços para a descrição detalhada do planejamento, observações necessárias ao longo do processo, objetivos específicos o número de aulas necessárias para o cumprimento destes objetivos. A construção dessa ferramenta coaduna com a compreensão de planejamento como um ato político, sendo parte fundamental para a construção do caminho que o/a professor/a pretende que o/a estudante percorra, visando a formação de um determinado sujeito que corrobora com uma determinada visão de sociedade e de mundo. Dessa forma, para planejar é fundamental que o/a professor/a se aproprie dos conhecimentos necessários na construção do planejamento, demonstrando que

[...] o planejamento não é, nem exclusivamente um ato político-filosófico, nem exclusivamente um ato técnico; mas sim, um ato, ao mesmo tempo, político-social, científico, educativo e técnico: político-social, na medida em que está comprometido com as finalidades sociais e políticas; científico na medida em que não se pode planejar sem um conhecimento da realidade e da produção humana de onde advêm os saberes escolares; técnico, na medida em que o planejamento exige





uma definição de meios eficientes para se obter os resultados, e educativo, na medida em que os atores aprendem a realidade de forma coletiva e ampliada na busca de soluções para seus problemas e dificuldades. (Amaral; Antunes, 2011, p. 04)

Tratando da dimensão científica do planejamento, entendemos que a Educação Física escolar tem como base a tematização da expressão corporal da cultura em práticas como: Jogos e Brincadeiras, Dança, Ginástica, Lutas e Esportes (Coletivo de autores, 1991). Os temas que se apresentam, uma vez partes da cultura, caracterizam-se como conhecimentos construídos histórico-socialmente e carregam características da organização político-econômica, dos valores e das crenças da sociedade na qual estão inseridos. O estudo das formas de desdobramento da cultura de uma sociedade é de extrema importância para o indivíduo e para a sociedade como um todo, é a partir dessa apropriação que o indivíduo se torna parte integrante da sociedade, humanizando-se (Asbahr, Moretti e Rigon, 2011), compreendendo humanizar como o ato de apropriar-se das necessidades histórico-culturais da sociedade na qual está inserido, adquirindo ferramentas para transformar a realidade ao seu redor enquanto transforma a si próprio, constituindo-se humano, não só satisfazendo suas necessidades culturais, como criando novas.

Segundo Libâneo (1990), a educação pode ser classificada como intencional/não-intencional e formal/não formal. A educação formal destaca-se dentre as demais formas de educação intencional. Ela provê suporte para uma análise consciente e crítica das demais influências educativas. A educação formal institucionalizada como uma atividade humana, necessita de seleção dos temas/conteúdos a serem abordados, objetivos a serem alcançados e planejamento do percurso pedagógico para atingir determinados objetivos. Uma vez que a educação formal atua como agente humanizador, é necessário que sua atividade educativa (Asbahr, Moretti e Rigon, 2011) esteja de acordo com as visões de ser humano e sociedade da instituição escolar.

Compreendemos Brincadeiras como

[...] ao mesmo tempo, espaço de constituição infantil e lugar de superação da infância, pela relação que estabelece com a representação e o trabalho adultos. É uma forma de atividade social infantil, cujo aspecto imaginativo e diverso do significado cotidiano da vida fornece uma oportunidade educativa única para as crianças. (Wajskop, 1995, p. 5)

Partindo da compreensão da brincadeira como uma produção humana, optamos por desenvolver o tema “Brincadeiras Tradicionais”, que são classificadas como

[...] aqueles transmitidos de uma geração a outra, de forma expressiva, corporificado pelas crianças de maneira espontânea, podendo variar suas regras de uma cultura à

outra, mudando a sua forma, sem modificar o seu conteúdo tradicional. (Garkov, 1990 *apud* Santos *et al.*, 2019, p. 20)

X Encontro Nacional das Licenciaturas

IX Seminário Nacional das Lic.

O trabalho com este tema traz à luz a possibilidade dos/as estudantes se perceberem como sujeitos transformadores da realidade na qual estão inseridos. O conhecimento da cultura como uma produção humana, acumulada ao longo da história permite que os sujeitos quebrem a lógica de alienação social e problematize a sua participação nas transformações sociais. A brincadeira como tema de ensino permite a exploração de uma ampla gama de faces da realidade em qualquer contexto explorado, isso porque

É portanto, na situação da brincadeira que as crianças podem se colocar desafios para além de seu comportamento diário, levantando hipóteses na tentativa de compreender os problemas que lhe são propostos pelas pessoas e pela realidade com a qual interagem. Quando brincam, ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, as crianças podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência. Concomitantemente a esse processo, ao reiterarem situações de sua realidade, modificam-nas de acordo com suas necessidades. Na atividade de brincar, as crianças vão construindo a consciência da realidade ao mesmo tempo em que já vivenciam uma possibilidade de modificá-la. (Wajskop, 1995, p. 6)

## ASPECTOS METODOLÓGICOS

A construção do percurso formativo utilizando o modelo Estratégia de Ensino demanda um conhecimento profundo de sua configuração e dos objetivos deste para que se extraia o maior potencial da ferramenta. A organização é feita com as divisões “objetivos específicos”, “número de aulas”, “procedimentos metodológicos” e “observações” e desenvolvendo um processo dialético no processo desenvolvimento, uma vez que uma está diretamente dependente da outra.

Na aba de objetivos específicos deve-se apresentar os objetivos para aquela aula (ou conjunto de aulas) que corroboram para alcançar o objetivo geral estipulado ao início do planejamento. Passando para a aba número de aulas, essa deve levar em consideração o tempo disponível para o desenvolvimento do planejamento, a organização das disciplinas em cada contexto escolar, a disponibilidade dos espaços para realização da aula de educação física, a dinâmica de cada turma ao qual o planejamento será aplicado e a própria proposta do planejamento. Todas essas variáveis vão de encontro com a escolha da quantidade de aulas que será escolhida pelo/a professor/a, determinando o tempo efetivo para cada fase do processo. Nos procedimentos metodológicos, o/a professor/a deverá apresentar passo a passo



todas as ações que serão realizadas dentro daquele determinado período para alcançar o objetivo escolhido. Por fim, a aba **observações** permite que o/a professor/a registre no mesmo documento o que foi alcançado, pontos positivos e negativos e sugestões de mudanças para uma próxima execução do planejamento, tudo isso aula por aula (Amaral; Antunes, 2011).

Dessa forma, a partir da compreensão do referencial teórico, as demandas do estágio supervisionado II e as demandas do currículo da CAP/UFU iniciou-se o processo de construção do planejamento, levando em consideração a necessidade formativas sociais e etárias dos/as estudantes. Ao examinar a realidade escolar e o cotidiano daqueles/as estudantes previamente, foi possível perceber que existia uma grande dificuldade na construção de brincadeiras comuns na nossa cultura, as vezes até não as conhecendo. A partir dessa noção e da demanda do currículo da instituição, que naquele período determinava o estudo do eixo temático “Jogos e Brincadeiras” optou-se por desenvolver o tema “Brincadeiras Tradicionais”.

A construção do planejamento efetivamente se mostrou um desafio. O tema escolhido pedia por mais aulas, porém naquele momento só estavam disponíveis 6 aulas, sendo 2 por semana no formato geminado. Apesar disso, o foi realizado um esforço para que o processo abordasse tudo que se desejava e isso foi alcançado. Destacamos nesse momento as formas de avaliação utilizadas, sendo essas a visual, realizada pelo professor e por meio de desenho feitos pelos/as estudantes. A opção dessas formas de avaliação se deu especialmente pela faixa etária dos/as estudantes e por seus costumes diários, uma vez que a avaliação por textos ou dialogada, não se mostra muito efetiva pela falta de capacidade desses/as estudantes de construir um raciocínio coeso e expressá-lo de forma efetiva.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação dos referenciais teóricos a partir da práxis docente associada a capacidade técnica de uso da ferramenta desenvolvida por Amaral e Antunes (2011) resultou na construção da seguinte sequência didática

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	NÚMERO DE AULAS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	OBSERVAÇÕES
<b>OBJETIVO GERAL:</b> Estudar as características socio-histórico-culturais das brincadeiras e modificá-las conforme o contexto atual.			



<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer brincadeiras como uma atividade humana e inserida no tempo</li> <li>• Vivenciar brincadeiras não comuns a essa geração</li> </ul>	<p>X ENALIC IX Seminário Nacional do PIBID</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Começaremos a aula com a pergunta norteadora “ O que são brincadeiras? ”.</li> <li>• A partir das respostas tentaremos construir a ideia de que as brincadeiras são atividades humanas e que estão inseridas no tempo social.</li> <li>• Após consolidar essa ideia, solicitaremos que os/as estudantes entrevistem seus responsáveis para descobrir quais eram as brincadeiras de suas infâncias. Eles/as deverão trazer descrito uma brincadeira para compartilharmos em sala. Criar uma folha para colarem no caderno e os pais conferirem.</li> <li>• Em seguida iremos apresentar algumas brincadeiras culturalmente conhecidas há gerações em nosso país e brincaremos com elas, sendo essas: Amarelinha, Corre Cutia e Cabo de Guerra.</li> <li>• Finalizar a aula</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar os resultados da entrevista</li> <li>• Reconhecer semelhanças e diferenças entre</li> </ul>	3-4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Iniciaremos a aula com os/as estudantes apresentando as brincadeiras que obtiveram a partir das entrevistas com os/as</li> </ul>



<p>as brincadeiras encontradas e as brincadeiras cotidianas</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Vivenciar brincadeiras das entrevistas</li> </ul>	<p>responsáveis.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Iremos anotar as brincadeiras no quadro, analisando possíveis repetições.</li> <li>• Em seguida iremos fazer uma votação e escolheremos 5 brincadeiras dentre as que eles/as ainda não conhecem para vivenciar.</li> <li>• Iremos questionar os/as estudantes acerca da possibilidade de utilizar essas brincadeiras atualmente e quais são as diferenças e semelhanças com o que estão acostumados a brincar.</li> <li>• Iremos para a quadrinha brincar com as brincadeiras votadas. Caso seja necessário pegaremos os materiais na sala de materiais.</li> <li>• As crianças vivenciarão as brincadeiras</li> <li>• Finalizaremos a aula.</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discutir acerca das vivências da última aula</li> <li>• Modificar as brincadeiras vivenciadas</li> <li>• Experimentar as brincadeiras modificadas</li> </ul>	<p>5-6</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Iniciaremos a aula questionando os/as estudantes acerca das vivências da última aula.</li> <li>• Reconhecer se gostaram das atividades, se querem sugerir mudanças, se acham possível incrementar em seu cotidiano</li> <li>• Reuniremos os/as estudantes em grupos e eles/as deverão elencar</li> </ul>



	<p>uma brincadeira para trabalharem e deverão pensar em alguma modificação que gostariam de fazer nessa brincadeira. Caso o grupo não reconheça necessidade de alguma modificação, poderá manter a brincadeira como está (servirá como diagnóstico).</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Após realizarmos essas adaptações, iremos para a quadrinha para brincar com as brincadeiras modificadas.</li> <li>• Finalizar a aula</li> </ul>	
--	---	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

Foi perceptível ao longo do processo de construção do planejamento que a utilização plena da ferramenta esbarra nas limitações impostas tanto pela organização da disciplina de Estágio Supervisionado II quanto pela escola e a organização do currículo e dos/as professores/as. Isso porque, uma vez que os/as graduandos se preocupam primeiramente com o cumprimento de prazos, isso limita a criatividade e as demandas temporais dos conteúdos e dos/as próprios/as estudantes da escola, que em muitos contextos precisam de mais tempo de estudo para assimilar determinados conteúdos.

Também foi possível compreender uma limitação teórica referente a capacidade de assimilação dos/as estudantes de determinadas brincadeiras, especialmente aquelas que contam com um maior número de regras, que demandam que seus participantes fiquem parados e que tem limitadas possibilidades de mudanças. Essa limitação se mostrou significativa no momento da execução do planejamento, fazendo com que fosse necessário reorganizar quais e a quantidade de brincadeiras presentes em cada aula.

Apesar disso, o material produzido por Amaral e Antunes (2011) mostrou-se muito efetivo ao longo do percurso mesmo com todas essas intercorrências. Sua construção e disposição das informações permitiu que o planejamento fosse organizado da melhor forma possível dentro dos limites do contexto, possibilitando um movimento dialético na elaboração dos processos e que permitisse se adequar as todas as demandas externas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS





Ao revisitarmos e analisarmos o processo de elaboração da Estratégia de Ensino, é possível notar que para a construção não só de um planejamento, mas também de um processo de formação docente, como é o caso da disciplina de Estágio Supervisionado II, é necessário olhar para toda a realidade material que circunda esta realidade. Muitas vezes não nos atentamos para as dificuldades que o contexto impõe, culpabilizando os/as estudantes ou até a nós mesmos, sem perceber que somos vítimas de uma organização neoliberal de educação que visa reduzir cada vez mais o tempo de formação, diminuir prazos e aumentar demandas para que a profissão docente no país seja prejudicada. Os autores se fazem verdadeiros quando apresentam o parâmetro da educação e dos temas da educação física, porém se faz necessário um aprofundamento nas questões emergentes de nosso tempo e uma análise detalhada sobre os impactos das mudanças na educação superior, como corte de verbas e aumento de horas no currículo no cenário da formação docente, especificamente nos Estágios Supervisionados.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, C. dos A.; ROTELLI, P. P. Construção de materiais curriculares na educação física escolar. *Anais...* Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2011. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/viewFile/3503/153>. Acesso em: 10 abr. 2025.

AMARAL, Gislene Alves Do; ANTUNES, Marina Ferreira de Souza. A produção de instrumentos de planejamento: um projeto coletivo para transformação da prática docente. In: XVII CONBRACE e IV CONICE, 2011, Porto Alegre. *Anais do XVII CONBRACE e IV CONICE*, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 959, de 27 de setembro de 2013.** Dispõe sobre o funcionamento dos Colégios de Aplicação vinculados as Universidades Federais. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 9, 27 set. 2013. Disponível em:

<http://www.in.gov.br/autenticidade.html>. Acesso em: 12 out. 2025.

CAP/UFU. **PCE – Educação Física.** Uberlândia: CAP/UFU, 2017. Disponível em: [https://eseba.ufu.br/system/files/conteudo/pce\\_educacao\\_fisica\\_2017\\_0.pdf](https://eseba.ufu.br/system/files/conteudo/pce_educacao_fisica_2017_0.pdf). Acesso em: 12 out. 2025.

CAP/UFU. **Projeto Político-Pedagógico – PPP 2018–2019.** Uberlândia: CAP/UFU, 2019. Disponível em: [https://eseba.ufu.br/system/files/conteudo/eseba\\_projeto\\_politico\\_pedagogico\\_2019-12-12\\_0.pdf](https://eseba.ufu.br/system/files/conteudo/eseba_projeto_politico_pedagogico_2019-12-12_0.pdf). Acesso em: 12 out. 2025.

KUNZ, E. **Educação Física: Ensino & Mudanças.** Ijuí: Unijuí, 1991

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

MORETTI, V. D.; ASBAHR, F. S. F.; RIGON, A. J. O humano no homem: os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 477–485, 2011.

PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 94, p. 58–73, ago. 1995. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/612.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SANTOS, S. G. dos; VIANA, G. C.; MADUREIRA, T. L. M.; MELO, I. O. de; NASCIMENTO, D. da S. Jogos e brincadeiras populares tradicionais aplicados à Educação Física escolar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 6., 2019, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: [s.n.], 2019. p. 1–10. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/60895>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SOARES, C. L. *et al.* Metodologia do Ensino de Educação Física São Paulo: Cortez, 1992

WAJSKOP, G. O brincar na Educação Infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: **Fundação Carlos Chagas**, n. 8, 1990. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/742.pdf>. Acesso em: 12 out. 2025.